

## Advérbios qualificadores no português falado

*Ataliba T. de Castilho*  
*Universidade de São Paulo/CNPq*

*Este ensaio descreve o comportamento semântico-sintático dos advérbios de predicação qualificadora no português culto falado no Brasil. O trabalho define o que se entende por predicação adverbial e analisa um dos subtipos dos advérbios predicadores. A pesquisa se enquadra na agenda de trabalhos do Projeto de Gramática do Português Falado.*

### PRELIMINARES

Por ocasião do XII Congresso da Sociedade Chilena de Lingüística (Temuco, 1997), tive a oportunidade de re-encontrar Ambrosio Rabanales, amigo de há tanto tempo, e de relatar as atividades do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF). Entre 1988 e 1998 esse projeto examinou os materiais do Projeto da Norma Urbana Lingüística Culta de cinco capitais brasileiras, correlato brasileiro do “Proyecto” de Juan M. Lope Blanch, objetivando a preparação coletiva de uma gramática de consulta: Castilho (1998). Dedico-lhe este artigo pelas ligações que ambos temos com o “Proyecto”.

Um dos cinco grupos de trabalho do PGPF tomou a si o encargo de pesquisar o comportamento semântico-sintático das classes de palavras, principiando pelos advérbios (Advv). O primeiro trabalho que daí resultou propôs um arranjo dos Advv em Predicativos (qualitativos, intensificadores, modalizadores, aspectualizadores), e Não-predicativos (de verificação *de*

re [Advs de negação, de afirmação, de inclusão/exclusão, de focalização] e de verificação *de dicto* [Advs de denegação] e circunstanciais: Ilari *et alii* (1898).

Depois dessa primeira exploração, vários trabalhos focalizaram alguns dos tipos identificados: Kato-Castilho (1991), Moraes de Castilho (1991), Ilari (1992 a, b), Castilho e Moraes de Castilho (1992), Neves (1992), Oliveira (1992), Possenti (1992), Castilho (1993).

Neste trabalho, entendi a predicação qualificadora como um processo semântico-sintático por meio do qual um operador incide sobre uma classe modificando ou confirmando sua intensão, isto é, suas propriedades específicas, ou traços semânticos, ou “semas”, na terminologia da Semântica Estrutural. A qualificação é codificada gramaticalmente através dos Adjetivos, dos Advs Predicativos, e dos Adverbiais, estes geralmente representados por um Sintagma Nominal ou um Sintagma Preposicionado com função adverbial. Todos esses operadores dão uma contribuição semântica à classe-escopo. Os Advs Qualificadores operam sobre outros predicadores, tais como os Adjs, os Vs e os próprios Advs. A abordagem adotada é a funcionalista; para maiores detalhes, v. Castilho (1994).

Sejam os seguintes exemplos:

- (1) *eu posso representar graficamente uma comunicação...*(EF POA 278: 198)
- (2) *o brasileiro em princípio eu acho que come muito mal* (D2 POA 291: 18)
- (3) *vocês escolheram um péssimo entrevistado... porque eu sou um sujeito que gosto muito de falar muito pouco* (D2 SSA 98: 87).
- (4) *eles colocam melancia... pra mim eu acho um pouquinho indigesto* (DID RJ 328: 315).
- (5) *no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo* (DID POA 45: 232)
- (6) *então surgiu () um movimento de vanguarda jovem () e claro () foi absorvido imediatamente* (D2 POA 291: 740)
- (7) *os preços caíram lentamente demais para o gosto do ministro*
- (8) *uma comida praticamente indiana... típicamente indiana* (D2 POA 291: 244).
- (9) *começa que quase nem comparecem [às assembléias]* (D2 SP 360: 694)

Nos exemplos de (1) a (6), constata-se que os Advs e os Adverbiais grifados adicionaram à classe-escopo um traço semântico não contido previamente nela. Em (7), o Adv substituiu o traço de telicidade de *cair* por traços atéticos. Em (8) e (9), os Advs cancelaram alguns traços, preservando outros. O segundo Adv de (8) confirmou os traços de indiana. Vejamos com detalhc cada caso.

Em (1) e (2) acrescentaram-se qualidades a *representar* e a *comer*. O comportamento desses Adv's aproxima-os dos Adj's, como se pode ver pela correspondência com os Sintagmas Nominais:

(1a) *representar graficamente* = *representação gráfica*

(2a) *comer mal* = *comida má*.

Restrições seletivas parecem associar mais fortemente esses Adv's às suas classes-escopo, tanto assim que seria inaceitável transferir o Adv de (1) para (2):

(2b) \* *o brasileiro em princípio eu acho que come graficamente*,

embora a recíproca seja possível, o que mostra que certos Adv's Qualificadores têm uma combinatória maior, como se vê em:

(1b) *eu posso representar mal uma comunicação*.

Dada essa ligação mais forte entre os Adv's e a classe que predicam, vou chamá-los Qualificadores quase-argumentais.

Em (3) e (4), acrescentou-se uma graduação a *gostar*, *falar* e *achar*. Essa graduação pode ser “para mais”, em *gostar muito* e “para menos” em *falar pouco*, um pouquinho indigesto. Vou chamá-los Qualificadores graduadores.

Em (5), os adverbiais acrescentaram uma duração maior a *jogar*, e em (6) o estado de coisas descrito por *foi absorvido* é apresentado como pontual. Nos dois casos os adverbiais não afetaram o “modo da ação” dos verbos respectivos, apenas os reforçaram. Em (7), ao contrário, houve uma mudança de categoria semântica, pois *cair*, que é um verbo télico, tornou-se atélico, graças ao Adv “*lentamente*”. Vou chamá-los Qualificadores aspectualizadores.

Até aqui, os Adv's examinados modificam a classe sobre que se aplicam acrescentam-lhe um traço. Já nos exemplos (8) e (9), os Adv's cancelam traços. Em (8), o Adv *praticamente* cancela alguns traços do Adj *indiana*, passando a significação de que nem todos os atributos de uma comida indiana estavam presentes. Em (9), *quase* funciona como *praticamente*, abalando as propriedades intensionais de *não comparecer*. Vou chamá-los Qualificadores aproximadores, tradução tentativa do ingl. *hedges*.

Finalmente, em (8) aparece *tipicamente*, que opera no sentido oposto ao dos Aproximadores, confirmando os traços intensionais de *indiana*, e reformulando, assim, o juízo do falante quanto à “indianidade” da comida. Vou chamá-los Qualificadores confirmadores.

Os processos de qualificação adverbial aqui identificados foram intuídos em nossas gramáticas, recebendo ali diferentes designações, tais como

“modificação”, “restrição” e “determinação”. Este não é o lugar para se fazer uma “arquologia” dessas idéias gramaticais. Entretanto, não deixa de ser interessante constatar que a percepção do fenômeno deu-se lentamente até que, clareado o objeto, ocorreu seu “batismo terminológico”

Nas primeiras gramáticas do castelhano e do português o termo “modificação” não vem expresso, embora seja patente sua percepção, como se pode ver por estas citações:

*“llama se adverbio, por que común mente se junta y arrima al verbo para determinar alguna qualidad en él assi como el nombre adjectivo determina alguna qualidad en el nombre substantivo”.*

*“[el adverbio] es una de las diez partes de la oración, la cual, añadida al verbo, hinche, o mengua, o muda la significación de aquél, como diziendo bien lee, mal lee, no lee, bien hinche, mal mengua, no muda la significación deste verbo lee”:* Nebrija (1492: 197).

A lição de Nebrija, que é acolhida aqui quando distingo Adv Quantificadores de Adv Qualificadores, reaparece nos dois primeiros gramáticos portugueses:

*“e ele [o advérbio] é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo”:* Barros (1536: 345).

*“avérbio é ua das nóve pártes da òraçám que sempre anda conjunta e coseita com o vérho ( ) per éla se denota a eficácia ou remissán do verbo, porque, quando digo: Eu amo a verdáde, demóstro que simplesmente faço ésta óbra de amár; mas dizendo: Eu amo muito a verdáde, p[er] este avérbio muito denóto a cantidade do amor que tenho à cousa; e se dissér: Amo pouco a verdáde, com este pouco se diminui o muito de çima; e: Nam amo a verdáde, desfáço toda a óbra de amár; ( ) assi que tem o avérbio este poder: acreççenta. deminui e totalmente destrui a óbra do vérho a que se ajunta, e ele é ô que dá aos vérbos cantidáde ou calidáde açidental como o ajetivo ao substantivo”:* Barros (1536: 345).

Aparentemente, os termos “modificação” e “determinação” começam a figurar nas gramáticas a partir do século seguinte, mais particularmente nesta passagem da Gramática de Port-Royal:

*“mais parece que ces particules se joignent d’ordinaire au Verbe pour en modifier et déterminer l’action, comme generosè pugnavit, il a combattu vaillamment; c’est ce qui a fait qu’on les a appelez Adverbes”:* Arnault et Lancelot (1671: 94).

Deste texto, deve o termo ter migrado para as gramáticas românicas mais sensíveis à postulação das línguas como uma atividade mental, como se pode constatar em Jerônimo Soares Barbosa:

*“O advérbio, pois, não modifica só os verbos () mas qualquer palavra susceptível de determinação, quais são também os apelativos, os adjetivos e os mesmos advérbios”*: Barbosa (1803: 235).

As duas últimas citações parecem indicar que esses gramáticos viam na determinação um tipo particular de modificação. Flutuava assim o argumento entre as propriedades adverbiais de alterar a extensão (= determinação / delimitação / restrição) e alterar a intensão (= modificação, qualificação, explicação). Entretanto, não é possível assegurar-se disto, pois os exemplos aduzidos raramente são comentados, e assim não sabemos com precisão a que processo o gramático se refere. O fato é que na tradição gramatical esses termos viriam a conhecer certa especialização. “Modificação” emprega-se mais para captar o papel do Adv; “qualificação”, “restrição” e “restrição”, para o Adj (veja-se, por exemplo, Barbosa 1803); “determinação”, para os Especificadores do Sintagma Nominal, como em:

*“o determinativo ou limitativo relaciona-se diretamente com a extensão do substantivo, indicando alguma circunstancia externa, que determina ou limita os indivíduos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. este homem, alguns homens, dois homens, dois paizes, meu livro, etc.”*: Pereira (1933: 135).

Conclui-se que, de todo modo, estavam esses gramáticos tratando da predicação, fenômeno bastante amplo que a tudo isso engloba.

A seguir, tratarei de cada um dos subtipos identificados nesta introdução.

## 1. QUALIFICADORES QUASE-ARGUMENTAIS

Poderá parecer contraditório abrir este capítulo sobre os Adv Predicativos Qualificadores com a descrição de uns Adv “quase-argumentais”. Afinal, uma das propriedades captadas em Ilari *et alii* (1989), de que este trabalho é tributário, está precisamente em que alguns Adv Não-predicativos funcionam como argumento do verbo, o que é impossível no caso dos Adv predicativos.

Sucede que determinados Adv predicativos são redutíveis a uma expressão nominal, como já se demonstrou em Ilari *et alii* (1989), e essa propriedade tem de ser levada em conta. Pretendo detalhar mais esta matéria.

Os Adv Qualificadores quase-argumentais são descritos na Gramática Tradicional como “advérbios de modo”. Gary-Prieur (1982) mostra a inadequação dessa etiqueta, fundando-se na análise de gramáticas francesas. Segundo ela, é o termo mesmo “*manière*” que é ambíguo, pois ele tanto remete a “circunstâncias ou modalidades ligadas a uma ação” (e nesse caso

os Advs de modo seriam distribuídos pelos Predicativos Modalizadores e pelos Não-Predicativos), quanto a “qualidades específicas de um processo” (conceituação suficientemente ampla para abrigar todos os nossos Qualificadores). Achei melhor designá-los por Qualificadores quase-argumentais, dadas as razões especificadas abaixo.

Os Qualificadores quase-argumentais encontrados no corpus compreendem certos Advs em *-mente*, os itens *bem* (e *melhor*), *mal* (e *pior*), *assim* e os Adverbiais constituídos por determinados Sintagmas Preposicionados ou por Adjs recategorizados. Passo à exemplificação.

### 1.1 - ADVS EM -MENTE

- (10) *ou a mulher se dedica inteiramente à carreira... () exclusivamente à carreira... ou () (D2 SP 360: 669)*
- (11) *depois de estabelecida a causa aí vai ser:... automaticamente necessário... uma atitude mais rápida (D2 SP 360: 567)*
- (12) *ela está assumindo tarefas assim... muito precocemente... não é ? (D2 SP 360: 225)*
- (13) *se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá (D2 SP 360: 134)*
- (14) *a tendência sempre... consciente ou inconscientemente é copiar (D2 POA 291: 1011)*
- (15) *afrouxa a gravata e abre o colarinho então ele está vestido adequadamente (D2 POA 291: 817)*
- (16) *se a gente analisa objetivamente é que vê que vai se constituir numa análise... (EF POA 278: 296)*
- (17) *se o salário que me pagassem na Escola de Belas Artes me desse para co/ viver condignamente (D2 RJ 355: 105)*
- (18) *o comer... sempre quando eu falo em comer... é um negócio que me atinge diretamente (D2 POA 291: 96)*

Outros quase-argumentais em *-mente*: *atender rapidamente* (D2 SP 62: 361), *permanecer globalmente no campo* (EF SP 153: 212), *ele pode concretamente ver no animal* (EF SP 405: 320), *mudou completamente o clima de São Paulo* (D2 SP 390: 619), *ser regiamente tratado* (D2 SP 255: 66).

## 1.2 - ADVS BEM, MAL, ASSIM

- (19) a expressão *habilidades mentais* cabe muito bem (EF POA 278: 117)
- (20) *mas correu tudo* bem (DID POA 45: 72)
- (21) *eu acho que essa turma vai* bem *nessa disciplina* (EF POA 278: 208)
- (22) *comer* bem *não é comer demais* (D2 POA 291: 61)
- (23) *com bonito cenário gastronômico...* [comer é] melhor *ainda !* (D2 POA 291: 95)
- (24) *cada qual quer fazer* melhor *que o outro* (DID POA 45: 20)
- (25) *não faz* mal *o professor pode ficar confuso* (EF POA 278: 306)
- (26) *esse jantar dançante é* assim: () (DID POA 45: 15)
- (27) *vocês nem têm tantas [disciplinas]* assim (EF POA 278: 200)

Em Ilari *et alii* (1989) identificamos um uso de *assim* bastante freqüente na língua falada, em que esse item anuncia um constituinte da sentença: v. exemplo (9), aqui reproduzido por comodidade:

(9) *espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos* assim... *um diálogo bem aberto... sabe ?*

O *assim* de (9) foi tentativamente denominado “flag”, e distingue-se dos de (26) e (27) por não trazer uma contribuição semântica à classe-escopo, e por não ser redutível a uma expressão nominal. Deve haver um correlato prosódico dessa diferença semântico-sintática: os “flags” são produzidos em tom suspensivo, emparelhando-se à tessitura das expressões que o antecedem e o seguem, ao passo que o *assim* quase-argumental é produzido num tom descendente.

## 1.3 - SINTAGMAS PREPOSICIONADOS

- (28)  *você deve* de uma certa maneira  *também fiscalizar aquilo que entra na sua casa* (D2 REC 5: 93)
- (29) *justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: [os filhos] vieram* ao acaso (D2 SP 360: 14)
- (30) *uma boa casa* () *envolve exatamente essas coisas* () *calefação etc. e tal* () *que é pra tu ficar perfeitamente* à vontade (D2 POA 291: 1584)
- (31) *nós usamos aí... é... mais ou menos...* de maneira imprecisa () *me faz um resumo de tal situação* (EF POA 278: 365)

## 1.4 - EXPRESSÕES NOMINAIS ADVERBIALIZADAS

- (32) *a Kombi dá pra fazer isso de modo que vou tranqüilo (D2 SSA 98: 265)*  
 (33) *eu aproveito e vou junto (DID POA 45: 104)*  
 (34) *eu fiz o [registro] macrobiótico... cinco meses... mas não deu muito... vim ligeiro pra carne (D2 POA 291: 575)*  
 (35) *ontem eu estava esporte (D2 POA 291: 929)*

Voltemos à afirmação acima, segundo a qual esses Advs e Adverbiais são redutíveis a expressões nominais, e por isso se tornam fortes candidatos a operar como argumentos do V ou de outra classe predicativa.

De fato, tomados em seu conjunto, os Advs e os Adverbiais exemplificados mostram as seguintes propriedades: (1) podem ser substituídos por um Adj, (2) podem ser substituídos pela expressão *de modo + o Adj* que está na base do Adv, e (3) podem ser substituídos por um Sintagma Preposicionado. Obviamente, tais testes são desnecessários se o Adverbial já conta com uma base nominal:

- (10a) *dedicação inteira*  
 (10b) *dedicação de modo inteiro / integral*  
 (10c) *dedicação por inteiro*  
 (11a) *uma atitude automática*  
 (11b) *uma atitude de modo automático*  
 (11c) *uma atitude necessária por automatismo*  
 (12a) *assumindo tarefas precoces*  
 (12b) *assumindo tarefas de modo precoce*  
 (12c) *assumindo tarefas com precocidade*  
 (13a) *[você calmo] fazendo coisas*  
 (13b) *coisas de modo calmo*  
 (13c) *fazendo coisas com calma*  
 (19a) *a expressão tem bom cabimento*  
 (19b) *a expressão cabe de modo bom*  
 (22a) *comida boa*  
 (22b) *comer de modo bom*  
 (26b) *esse jantar é desse modo*  
 (29a) *os filhos tiveram uma vinda ocasional*  
 (29b) *os filhos vieram de modo ocasional*  
 (29c) *? os filhos vieram de ocasião*

(32a) *ida tranqüila*

(32b) *ida de modo tranqüilo*

(32c) *ida com tranqüilidade.*

Esses testes são às vezes perturbados por certas restrições seletivas ainda mal descritas, ou então pelo fato de que o Adv formou uma lexia complexa com sua classe-escopo, como em:

(20a) *correr bem*

(21a) *ir bem*

(25a) *fazer mal.*

Oliveira (1992) mostra que estes Adv's comportam-se como clíticos verbais. A possibilidade de se interromper o espaço entre a expressão "Predicador *bem / mal* + seu argumento interno" é tarefa que fica por descrever adequadamente. Em alguns casos isso parece impossível, ao passo que em outros o resultado é pelo menos duvidoso:

(21b) \* *o aluno vai nessa disciplina bem,*

mas,

(24a) *cada qual quer fazer a tarefa melhor que o outro*

(36) ? *o aluno faz a lição mal*

(37) ? *a criança comia o lanche bem*

De todo modo, os testes de conversão em N + Adj evidenciam que o Adj que está na base do Adv quase-argumental preservou suas restrições seletivas. Ilari *et alii* (1989) argumentam que se admite *falar pausadamente*, *proibir terminantemente*, porém não \**falar terminantemente*, nem \**proibir pausadamente*. A observação desse fato evidencia o diferente comportamento dos Predicativos quase-argumentais em face dos Não-Predicativos Focalizadores, nos casos em que o mesmo item está sendo utilizado ora num, ora noutro processo. Assim, em:

(38) *agi justamente com ele*

temos um Qualificador, dada a admissibilidade de

(38a) *ação justa,*

(38b) *agi com justiça*

(38c) *agi de modo justo,*

em que o sentido lexical do Adj foi preservado. Já em:

(39) *comi justamente três pratos*

temos um Focalizador, dada a impossibilidade das paráfrases:

(39a) \* *três pratos justos,*

(39b) \* *comi três pratos com justiça*

(39c) \* *comi três pratos de modo justo.*

Por outras palavras, os Qualificadores quase-argumentais são especificados pela classe que modificam. Vários autores reconhecem dois grandes processos sintáticos na sentença, o da predicação (atribuição de propriedades ao sujeito) e o da complementação (selecção de argumentos internos). Se esses processos tiverem generalidade, os quase-argumentais terão a esse respeito um desempenho anfibológico, pois ao mesmo tempo em que predicam uma determinada classe, são por ela subcategorizados. Com isto, os processos de predicação e complementação, que habitualmente envolvem três termos sentenciais, estariam sendo desenvolvidos por apenas dois termos.

A possibilidade de incidência dupla dos Advs, já discutida anteriormente, explica por que certas expressões podem dar margem a uma interpretação ambígua. Assim,

(40) *peixe aqui no Rio Grande do Sul eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa*

permite uma interpretação Qualificadora quase-argumental, se se entender que o Adv incide sobre *comer*:

(40a) *peixe é uma comida exclusiva da Semana Santa*

(40b) *se come peixe de modo exclusivo na Semana Santa*

(40c) *se come peixe com exclusividade na Semana Santa,*

tanto quando uma interpretação Focalizadora, se se entender que o Adv incide sobre *Semana Santa*:

(40c) *se come peixe apenas na Semana Santa.*

Em suma, os testes apontam para uma dependência sintática do Adv em relação à classe predicadora, criando-se entre ambos uma ligação mais forte que nos outros casos. Esta constatação leva a especificar o grau dessa dependência apurado, para então identificar sua função sentencial. Vou elaborar um pouco esta questão.

Embora redutíveis a expressões nominais, os Qualitativos quase-argumentais não comutam com pronomes, e isto dificulta a identificação

de sua categoria funcional na sentença. Trata-se, efetivamente, de uma “quase-classe”.

Tem-se reconhecido a dificuldade de abordar a transitividade de Vs e Ns deverbais e abstratos, Adjs e Advs, quando seus argumentos internos são expressos nominalmente. Com efeito, a descrição do Predicador + N traz para dentro da análise todas as complicações inerentes à significação do N e às restrições seletivas que se estabelecem entre ele e seu Predicador.

Creio que o primeiro lingüista a expor com clareza essas dificuldades foi Alarcos Llorach (1968: 110), que preferiu descrever as relações entre o V e seus termos adjacentes à luz das possibilidades de pronominalização desses termos. Ele aproveitou, assim, a grande variedade de pronomes pessoais, que preservaram a expressão morfológica dos casos, permitindo uma identificação mais segura dessas relações. Ele postula que há cinco processos de transitividade: (1) Implementação: o termo adjacente é comutável por o. (2) Complementação: o termo adjacente é comutável por *lhe*. (3) Suplementação: o termo adjacente é comutável por preposição + pronome pessoal do caso reto. (4) Aditamento: o termo adjacente não é pronominalizável, vem normalmente preposicionado por *a, de, com por, em*, e mostra uma mobilidade maior em sua posição relativa ao V do que os implementos e os complementos. (5) Atribuição: o núcleo verbal tem uma comutação bastante limitada, constando apenas de Vs de ligação, concentrando-se a predicação nos termos adjacentes, preenchidos por Sintagmas Adjetivos ou por Sintagmas Preposicionados.

Os Qualificadores quase-argumentais integrariam a categoria funcional de Aditamento.

O raciocínio de Alarcos Llorach parte do pressuposto de que os Pronomes são classes primitivas, e não classes de substituição. Blanche-Benveniste/van den Eynde *et alii* (1984) discutiram mais longamente a relação entre Ns e Pros, tendo em vista sua “abordagem pronominal da sintaxe”. Eles sustentam que os Ns são verdadeiros “Propronomes”, lembrando que com freqüência tem-se insistido em que

*“o elemento pronominal seria o resultado, explícito ou implícito, de um processo de pronominalização, fundado freqüentemente numa argumentação pragmática. Apenas recentemente os inconvenientes dessa abordagem foram denunciados por diversos autores (.). Nós deduzimos uma teoria inversa da teoria herdada: é o pronome - ou a unidade subjacente induzida a partir do pronome - que constitui a base lingüística do enunciado. Os outros elementos podem ser apresentados como sendo o resultado do processo de lexicalização” (pág. 26).*

Em conseqüência dessa posição, há entre Pros e Ns uma relação de proporcionalidade, e não de substituição. Vistas as coisas deste ângulo,

podem-se postular três graus de relação sintática entre o predicador e seu argumento:

- 1) Relação argumental forte: o termo adjacente é selecionado pelo predicador e é proporcional a um clítico. Identificamos um argumento interno.
- 2) Relação argumental fraca: o termo adjacente é selecionado pelo predicador, mas não é proporcional a um clítico, podendo ser parafraseado por um Sintagma Preposicionado ou por um Sintagma Adverbial. Identificamos um quase-argumento. Aqui se encontra o tipo de Qualificadores que venho descrevendo.
- 3) Relação argumental nula: o termo adjacente não é selecionado pelo predicador, não é proporcional a um clítico, e raramente admite as paráfrases acima indicadas. Identificamos um Adjunto.

Finalmente, quanto à distribuição dos Qualitativos quase-argumentais, nota-se que eles são predicadores de segunda ordem, modificando o V e seus argumentos como um todo, seja quando se posicionam entre o V e seu argumento, como em (1), (5) e (10), seja quando figuram pospostos ao conjunto V + argumento, como em (12), (13), (16) e (18), seja, finalmente, quando figuram pospostos ao V monoargumental, como na maioria dos casos: (2), (6), (7), (17), etc. É inexpressiva a ocorrência no espaço entre o sujeito e o V, como em (14).

A distribuição intrassintagmática mostra que esses Advs podem separar o V auxiliar do auxiliado, como em (3) e (28), ou em:

(41) *foi mal servido*

Constata-se aqui outro paralelismo entre esses Advs e os Adjs, e que é colocarem-se após o núcleo sintático que modificam. Pode-se hipotetizar que a ordem de base é X + Adv, que se harmoniza com N + Adj. As anteposições correm à conta da necessidade expressiva de destacar o Adv, como observou Oliveira (1992). Comparem-se:

(42) *falo mal / ando depressa / cheguei logo*

a

(43) *bem falo, melhor faço / a criança mal fala*

tendo-se em vista:

(44) *movimento rápido*

(45) *rápido movimento.*

Este é mais um aspecto a ser cuidadosamente descrito numa forma comparativa, tomando-se os Advs e os Adjs Predicativos.

## 2. QUALIFICADORES GRADUADORES

Os Qualificadores graduadores são habitualmente denominados “Intensificadores” na literatura gramatical. O problema dessa designação é que ela supõe apenas uma “gradação para mais”, ao passo que os dados apontam igualmente para uma “gradação para menos”. Neste trabalho, reúno esses dois processos sob a denominação mais geral de Gradação, com dois subtipos: os Intensificadores e os Atenuadores.

Outra questão diz respeito ao estatuto semântico dos Graduadores. Gramáticas modernas como a de Luft (1976: 137) dispõem os Advs de Intensidade entre os “advérbios quantitativos”. Prefiro acompanhar as gramáticas dos sécs. XVI a XVIII, nas quais se distingue qualificação de quantificação. Minha contribuição está em desenvolver a argumentação aí implícita, investigando as diferentes possibilidades que se abrem ao falante, segundo ele queira interferir na extensão ou na intensão da classe modificada.

A gradação codifica-se gramaticalmente através de sufixos derivacionais (prefixos como *super-*, sufixos como *-íssimo*), classes de palavras tais como certos Adjs e Advs, além de expressões preposicionadas tais como *de lascar* (em *uma ingratidão de lascar = muita ingratidão*), *de morrer* (em *lindo de morrer = muito lindo*), *pra chuchu* (em *caro pra chuchu = muito caro*), etc, mencionadas por Matos (1982). Os Graduadores têm propriedades que os aproximariam dos Pronomes Indefinidos, tanto que em alguns estudos, como Koch (1984), eles são alinhados nessa classe. De acordo com minha proposta, entretanto, os itens muito, pouco, bastante, bem, mais desencadeiam processos semânticos distintos. Em

(46) falou muito / pouco, é muito / pouco loquaz

(47) falou bastante

(48) falou bem

(49) ela é mais elegante

os Advs grifados afectam as propriedades intensionais das classes sobre que se aplicam, acrescentando-lhes uma noção de gradação, ao passo que em

(50) chegou muito / pouco povo

(51) chegou bastante / mais gente

(52) eram *bem* umas quinhentas pessoas

os Advs agem sobre a extensão, adicionando indivíduos aos conjuntos povo e gente em (50) e (51) e focalizando o conjunto quantificado *quinhentas pessoas* em (52). Isso quer dizer que entendo como Predicativos os Advs de (46) a (49), e como Não-Predicativos Inclusivos os de (50) e (51), e Não-Predicativo Focalizador o de (52).

A combinatória rica desses itens pode gerar ambigüidade, sobretudo quando aplicados a Ns, como em:

(53) *ele é muito homem*

(54) *ele é mais gente,*

em que os Advs parecem suscitar as propriedades intensionais de homem:

(53a) *ele é muito viril*

e de *gente*:

(54a) *ele é mais humano,*

conforme Ilari *et alii* (1989).

O processo desencadeado pelos Graduadores é o de agregar um traço de grau inexistente nas propriedades intensionais de sua classe-escopo. Ao utilizar um Graduador, o falante subsume que essas propriedades se dispõem numa escala socialmente estabelecida. Será necessário, então, selecionar um Graduador que indique se a intensão está num ponto acima da normalidade (= Graduador Intensificador), ou num ponto abaixo da normalidade (= Graduador Atenuador). É evidente que a escolha de determinado ponto nessa escala é de natureza pragmática, e vai depender de cada situação da enunciação, muito mais do que de valores absolutos da classe graduada. Esta observação elementar aponta para a vagueza natural das expressões lingüísticas, questão que foi elaborada por Ilari *et alii* (1993).

As classes preferidas pelos Graduadores são os Vs e os Adjs, que obviamente deverão exibir o traço /+graduável/. Há uma grande regularidade na ordem de figuração dos Graduadores: depois do V, ou antes do Adj / do Adv / do Sintagma Preposicionado que modificam.

Eles podem, ainda, funcionar como pro-formas:

(55) L1 - *Ela é pontual ?*

L2 - *Muito !*

Encapsulados na estrutura sintagmática da sentença, esses Advs vêm freqüentemente repetidos, o que é uma situação incomum entre os Advs

Predicativos. Por outro lado, os Graduadores se aplicam sobre uma grande variedade de Adv's:

1) Graduação dos Qualificadores quase-argumentais:

(56) *saiu  muito  silenciosamente / comeu  muito  bem*

2) Graduação dos Quantificadores aspectualizadores:

(57) *saiu  muito  freqüentemente, mas*

(58) \* *saiu muito sempre.*

3) Graduação dos Modalizadores:

(59)  *muito  provavelmente chove hoje*

4) Graduação dos Não-Predicativos circunstanciais:

(60) *saiu  muito  cedo*

(61) *faça isso  mais  do que agora, faça já !*

5) Graduação dos Não-Predicativos focalizadores:

(62) *está aí  bem  exatamente a diferença (EF POA 278: 217)*

Passo a descrever os Graduadores Intensificadores e Atenuadores.

## 2.1 - GRADUADORES INTENSIFICADORES

Os seguintes itens graduam “para mais” a intensão da classe-escopo: certos Adv's em *-mente, muito, mais, demais, bastante, bem*.

### 2.1.1 - Intensificadores em *-mente*

A) Depois do escopo:

(63) *na maioria das vezes [as riscas no chão] estão todas apagadas... o que dificulta  terrivelmente  dirigir (D2 SSA 98: 476)*

B) Antes do escopo:

(64) *depois o que eu li de Gabriel Garcia Marques achei  extremamente  fraco (D2 REC 5: 534)*

- (65) *youê traçando ali uma moqueca de... de peixe com uma cervejinha e tal... um negócio altamente boêmio... ouviu ? altamente boêmio (D2 SSA 98: 1346)*
- (66) *outras taxonomias que ( ) colocam em níveis completamente diferentes (EF POA 278: 259, também em D2 RJ 355: 51)*
- (67) *calefação... que é pra tu ficar perfeitamente à vontade (D2 POA 291: 1582)*
- (68) *pode estar esporte... tremendamente esporte... simplesmente uma blusa e uma calça (D2 POA 291: 773)*
- (69) *numa cidadezinha totalmente desconhecida (D2 POA 291: 1276)*
- (70) *a divisão tem que ser absolutamente exata (D2 SP 360: 315)*

Outros Intensificadores em *-mente*: *igreja extraordinariamente moderna (DID SP 242: 671), filmes incomparavelmente melhores (EF SP 153: 824), a televisão era infinitamente pior (D2 SP 333: 392), Carmem Miranda era imensamente popular (EF SP 153: 758), o que me revolta profundamente é o programa Cinderela (D2 SP 333: 1117).*

Observando-se esses exemplos, vê-se que a graduação procede da base lexical dos Adv, que retratam o mais alto grau de uma qualidade (*extremo, alto, etc.*), a completude dessa qualidade (*completo, perfeito, total, absoluto, etc.*) ou o impacto que o alto grau pode causar sobre o interlocutor (*terrível, tremendo, etc.*).

### 2.1.2 - Intensificadores *muito / mais, demais / bastante / bem*

#### A) Depois do escopo:

- (71) *eu gosto muito de verdura... gosto também muito de carne (D2 POA 291: 584)*
- (72) *olha... de folclore eu não estou muito a par (DID POA 45: 475)*
- (73) *gostaria demais de ter tido... mais irmãos (D2 SP 360: 66)*
- (74) *normalmente o que se come mais é sanduíche (DID RJ 328: 655)*
- (75) *[os homens] penam... penam bastante (D2 SP 360: 722)*
- (76) *então tira aquilo ali... limpa bem o camarão (D2 POA 291: 172)*
- (77) *ele joga bem... sabe ? (D2 SP 360: 1339)*
- (78) *ele falava tanto tanto tanto e eu o admirava muito (D2 SP 360: 1519)*

#### B) Antes do escopo:

- (79) *geralmente essas ocasiões são muito breves (D2 POA 291: 1159)*
- (80) *ficamos todos muito sem jeito (D2 POA 291: 269)*

- (81) *olha... nós visitamos muito pouco (DID POA 45: 128)*
- (82) *em contrapartida se torna cada vez mais rara a grande cultura (D2 REC 5: 84)*
- (83) *[o motor diesel] não é mais simples... ele é menos complicado (D2 SSA 98: 951)*
- (84) *tem umas pessoas que a gente tem mais intimidade (DID POA 45: 515)*
- (85) *isso é bastante difícil (D2 POA 291: 673)*
- (86) *[as pessoas] estão morrendo ali ao lado... aos pés da... duma vaca ou dum boi... inanição... bem complicado... bem complicado (D2 POA 291: 1663)*
- (87) *ele tem um terreno bem... bem razoável... (D2 POA 291: 1397)*
- (88) *aí nesse caso deixa de ser tão importante o fator idade (D2 SP 360: 1023)*
- (89) *eu era tão pequenina sabe que eu já não me lembro (DID POA 45: 329)*

## 2.2 - GRADUADORES ATENUADORES

Os seguintes itens graduam “para menos” a intensão: *ligeiramente, pouco, um pouco/pouquinho, mal.*

A) Depois do escopo:

- (90) *o que vai acontecer é que eu vou pagar um pouquinho menos (D2 RJ 355: 199)*

B) Antes do escopo:

- (91) *sobre essa parte de preços... eu pouco posso dizer (DID RJ 328: 50)*
- (92) *então tinha que dormir com a cama ligeiramente inclinada (DID SP 208: 468)*
- (93) *um quindim por quinze cruzeiros é... um pouco caro...(DID RJ 328: 270)*
- (94) *eles colocam melancia... pra mim eu acho um pouquinho indigesto (DID RJ 328: 315)*
- (95) *[eu como] só carne... impressionante... e mal passada (D2 POA 291: 36)*

A expressão *de todo* funciona como Intensificador numa sentença afirmativa:

- (85a) *isso é de todo difícil,*

e como Atenuador numa sentença negativa:

(94a) *melancia eu não acho de todo indigesto.*

Concluindo, vale a pena reconhecer que os Qualificadores graduadores não são redutíveis a expressões nominais, e nisto eles se distinguem dos Qualificadores quase-argumentais. Bastará testar alguns dos exemplos acima:

(64a) \* *fraco extremo,*

(64b) \* *fraco de modo extremo,*

apesar de

(64c) *fraco em extremo.*

(65a) \* *boêmia alta,*

(65b) \* *boêmia com altura,*

(65c) \* *boêmia de modo alto.*

### 3. QUALIFICADORES ASPECTUALIZADORES

Em Castilho (1984), que retoma (1968), considerei que o aspecto verbal tem duas faces, uma face quantitativa e uma face qualitativa. Neste item, vou discutir a contribuição dos Adv. à face qualitativa do aspecto.

O Aspecto é uma categoria que depende crucialmente do tipo semântico do V, ou da classe modificada por um Adv ou um Adj aspectualizador. E como os Adv Qualificadores aspectualizadores incidem sobre o V, é por aqui que iniciarei estas observações, não sem antes lembrar que o significado aspectual é de natureza composicional, pois resulta da interação do sentido lexical do V com (i) o tempo em que foi conjugado, (ii) seus argumentos, (iii) os adjuntos adverbiais e (iv) o padrão sintático em que o V está encaixado.

Com respeito às classes semânticas do V, consideremos inicialmente as sentenças:

(96) *A criança brinca no jardim.*

(97) *A criança caiu do balanço.*

Uma análise intuitiva do sentido dos Vs aí contidos mostra que em (96) não se requer o término da ação de *brincar* para que ela tenha existência, sendo este um requisito obrigatório para a interpretação de *cair* em (97). Por outras palavras, basta que uma criança comece a brincar para que exista

o estado de coisas descrito por esse verbo, ao passo que, para existir, a ação de *cair* tem que ter um começo e um fim quase simultâneos.

Essas duas classes semânticas foram reconhecidas por muitos autores, os quais escolheram diferentes termos para sua designação: verbos imperfectivos / verbos perfectivos (Diez 1876: III, 186-187), verbos permanentes [*aqueles cujo atributo subsiste durando*] / verbos desinentes [*aqueles cujo atributo chegou à sua perfeição*] (Bello 1883), verbos não-conclusivos / verbos conclusivos (Jespersen 1924), verbos cíclicos / verbos não-cíclicos (Bull 1960: 45-46), etc.

O que unifica os Vs imperfectivos / permanentes / não-conclusivos / não-cíclicos é que o estado de coisas que eles descrevem envolve diferentes fases em sua execução. É razoável supor que em *brincar* haja um começo da ação, sua continuação e seu término. Não se pode dizer o mesmo de *cair*, em que o começo e o fim da ação coincidem. Vistas as coisas por esse ângulo, entende-se por que Sten (1952: 25) se valeu dos termos verbos de fase / verbos de ação global para designá-los. O linguísta dinamarquês agrega que os valores semânticos apanhados por tais classes são genéricos, visto que a língua pode deixá-los de lado em determinadas circunstâncias. Exemplificando seu raciocínio a partir dos Vs *jouer* e *se noyer*, ele diz que diante de uma ocorrência como:

(98) *X se afogava, estava a ponto de afogar-se, mas felizmente uma pessoa o socorreu, de sorte que não se afogou,*

qualquer falante, indagado sobre se se pode dizer que X se *afogava* responderá afirmativamente. Isto significa que um verbo habitualmente perfectivo como *afogar-se* pode receber na sentença uma interpretação imperfectiva.

Garey (1957) objetou que a matéria é mais complexa, pois a resposta à pergunta suposta por Sten dependerá do tempo verbal em que a pergunta foi formulada. Se se perguntar *X afogou-se ?* a resposta será *não!*, o que mostra que além das propriedades semânticas próprias aos Vs “em estado de dicionário”, é preciso levar em conta as propriedades semânticas das diferentes flexões gramaticais. Assim, para pôr as idéias no lugar, ele propôs a realização do seguinte teste:

(99) *Se alguém estava -ndo, mas foi interrompido quando -va/-ia, pode-se dizer que -ou ?*

Se a resposta for afirmativa, o V examinado não precisa de um desfecho para ter existência, e por isso integrará a classe dos Vs atélicos, isto é, dos Vs que não tendem a um fim. Se a resposta for negativa, o V será télico. Portanto,

(100) *Se alguém estava brincando, mas foi interrompido quando brincava, pode-se dizer que brincou ?*

Sim, ainda que por pouco tempo, logo brincar é atélico.

(101) *Se alguém estava se afogando, mas foi interrompido quando se afogava, pode-se dizer que se afogou ?*

Não, logo *afogar-se* é télico.

Uma forma abreviada de aplicar esse teste é restringir-se ao esquema adversativo contido nas sentenças acima. Se o teste construir uma sentença semanticamente aceitável, teremos um V atélico, se não, um V télico:

(100 a) \* *Ele brincava mas não brincou*

(101a) *Ele se afogava mas não se afogou.*

Em suma, não se pode fazer uma descrição semântica dos Vs se não se tomar em conta o tempo em que eles vêm flexionados. Parece que o pretérito perfeito simples não altera o tipo semântico do V, como se vê em:

(100 b) *Ele brincou*

(101 b) *Ele se afogou,*

em que ambos os Vs continuam, respectivamente, atélico e télico. Já o pretérito imperfeito e o gerúndio recategorizam o V, transpondo-o de atélico para atélico:

(101 c) *Ele se afogava*

(101d) *Vi um menino se afogando.*

Para os objetivos deste trabalho, importa investigar o papel dos Advs nessas relações de telicidade / atelicidade. Em nossos dados encontramos ocorrências de Advs que, à semelhança das flexões de tempo, ora confirmam o sentido de base dos Vs, ora os alteram. Desde logo, vou separar os Aspectualizadores Imperfectivos dos Perfectivos.

### 3.1 - ASPECTUALIZADORES IMPERFECTIVOS

Alguns Advs em *-mente*, sempre e adverbiais constituídos por Sintagmas Preposicionados com ou sem o núcleo atuam como Aspectualizadores Imperfectivos:

(102) *[fazer] uma dieta vegetariana ( ) eu acho válido, mas não permanentemente*  
(D2 POA 291: 598)

- (103) *porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer ... morre de vez... eu não gosto de morrer aos pedacinhos ... aos poucos (D2 SSA 98: 1569)*
- (104) *ela teve escritórios durante... oito anos:: mais ou menos (D2 SP 360: 1163).*
- (105) *essas coisas vêm apo... vêm vindo aos poucos (D2 POA 291: 1312).*
- (105 a) *essas coisas vêm vindo pouco a pouco / paulatinamente.*
- (106) *observe um momentinho isso (EF RJ 251: 128)*
- (107) *eu trabalho a maior parte do tempo sentada (DID RJ 328:40)*
- (108) *eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora (D2 SP 360: 486)*
- (109) *a gente vive de motorista o dia inteiro (D2 SP 360: 94)*
- (110) *no tempo de solteiro ele jogava no... no Colégio... depois jogou um tempo no Força e Luz... no Cruzeiro... mas foi pouco tempo (DID POA 45: 232)*
- (111) *que ficava todo o dia jogando (DID POA 45: 179)*

Observa-se nos exemplos acima a presença maciça de Adv e Advérbias escalares. Na maior parte das vezes, tais expressões apenas confirmam o “modo da ação” durativo dos Vs a que se aplicam, com exceção de (105), em que a telicidade de *morrer* foi comprometida por *aos pedacinhos... aos poucos*.

Examinarei, a partir do exemplo (104), a hipótese de Hopper (1979) sobre a correlação “imperfectividade - estrutura de fundo da narrativa”. Transcrevo para isso o texto maior de onde procede esse exemplo:

(104) *Doc. o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora ?*

*L1 não ele teve escritório no início da carreira... teve escritório durante... oito anos:: mais ou menos... depois... ainda com escritório... e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a:: a profi/ o a advocacia do Estado né?... e::... depois... é que ele começou a lecionar quando houve... a necessidade do regime de dedicação exclusiva... pela posição de DENtro da carreira... ele precisava optar pela:: dedicação // exclusiva () sabe ? então::... ele::... começou a lecionar*

A pergunta do documentador desencadeia uma seqüência narrativa, cuja figura é dada pelos Vs *teve escritório / começou a lecionar*, e o fundo, por *tinha liberdade de advogar/ exercia a advocacia do Estado/ houve a necessidade do regime de dedicação exclusiva / ele precisava optar*, predicados verbais menos relevantes para o avanço da narrativa. O que se nota é que as ações imperfectivas se espalham por toda a narrativa, seja no fundo, seja na figura, e assim a correlação entre Aspecto e Discurso perde sua nitidez, pelo menos no que toca ao Imperfectivo, se nos ativermos à hipótese de Hopper. Muito provavelmente, a Aktionsart de cada V tem aí um papel mais importante que o Aspecto. O locutor escolheu Vs atéticos

para expressar os eventos centrais, e alguns télicos para os eventos marginais, o que contraria a predição de Hopper.

### 3.2 - ASPECTUALIZADORES PERFECTIVOS

Os adverbiais perfectivizadores atribuem aos Vs a que se aplicam o sentido de subitaneidade da ação, que se torna, assim, pontual, não-durativa. Por assim dizer, a face pontual desses adverbiais neutraliza qualquer duração acaso contida no “modo de ação” do V, a menos que ele já integrasse a classe dos télicos.

Há, portanto, duas situações: (i) o V já é télico, e o Adverbial apenas reforça sua perfectividade: este é o caso de (115), (116), (119) e (120); (ii) o V é atélico, mas o Aspectualizador transforma-o num perfectivo pontual: (117) e (118).

Vejam-se os seguintes exemplos:

(112) *e claro... pronto... quer dizer... [o cabelo comprido] foi absorvido imediatamente (D2 POA 291: 740)*

(113) *e põe o camarão naquele refogado... rapidamente... só mexe o camarão (D2 POA 291: 169)*

(114) *ajeitou os cabelos de um golpe*

(115) *corre de repente a notícia de que o dólar ia subir*

(116) *you acha que ele ainda vai fixar essa idéia ? já fixou ! [resultativo]*

(117) *you chegou tarde... agora eu já autorizei a saída.*

Os Aspectualizadores Perfectivos se mostraram mais raros no corpus do que os Imperfectivos. Ambos têm em comum apresentar a narrativa numa forma “pessoalizada”, altamente específica. A face quantitativa do Aspecto dá um sabor de genericidade ao discurso, ao passo que sua face qualitativa, aqui examinada, especifica-o, pessoaliza-o, no sentido de Lavandera (1987). Acredito que esta hipótese tem um poder de generalização superior à de Hopper (1979), resgatando uma importante correlação entre Aspecto e Discurso.

### 4. QUALIFICADORES APROXIMADORES

Em seu tratamento das classes de palavras, a Sintaxe Funcional deixou de lado a teoria clássica, segundo a qual as classes são discretas e dotadas

de propriedades inerentes, substituindo-a pela teoria da categorização natural (ou teoria dos protótipos), segundo a qual as classes têm limites imprecisos (*fuzzy edges*) e os itens que abrigam possuem diferentes graus de integração. No nosso caso, será necessário reconhecer (i) que alguns Adv são operadores da imprecisão (vou chamá-los de “Aproximadores”), e (ii) que haverá Adv “mais adverbiais” e Adv “menos adverbiais”.

Lakoff (1975) propôs o termo *hedges* para designar determinadas palavras e expressões “*whose job is to make things fuzzier or less fuzzy*” (pág. 234).

Para o inglês, ele lista como tais as expressões *kind of, sort of, more or less, relatively*, entre outras.

Em outro texto, Lakoff (1982) disserta longamente sobre as duas fontes da categorização lingüística: a categorização clássica, elaborada por Aristóteles e retomada pela Semântica de Frege e pela Gramática Gerativa, e a categorização natural, elaborada por Wittgenstein e elaborada a partir dos anos 80 pela Psicologia, pela Antropologia e pela Lingüística Cognitiva.

Givón (1986) confronta o ponto de vista platônico, segundo o qual as *categorias de expressão são discretas, absolutas e pristinas, sejam elas*

*“God-given as Plato or Descartes would have it, neuro-genetically wired in as Chomsky or Bickerton would have it, representing the stable features of The Real World as Russell, Carnap and other positivists would have it, or made out of atomic unit of perception as the classical empiricists would have it”* (pág. 77),

com as observações de Wittgenstein (1953), que sustentava que as categorias não são discretas e absolutas, mas, no lugar disso, são incertas e mal delimitadas, sendo que muitas relações podem ser reconhecidas entre os membros das diferentes categorias. Entre esses extremos, Givón propõe uma solução híbrida, uma solução de compromisso, a que denomina Teoria do Protótipo.

A Teoria do Protótipo postula que alguns membros de uma categoria compartilham todos os traços ou propriedades dessa categoria. Esses membros seriam seu protótipo. Outros, compartilham apenas alguns traços, exemplificando diferentes graus de prototipicidade.

Os Aproximadores são operadores de não-prototipicidade, bastando examinar os seguintes exemplos para dar-se conta disso:

(118) *a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... porque quase sempre ela é procurada pelos alunos* (D2 SP 360: 1242).

(119) *e nós fazemos um tipo de frequência... né? ( ) a frequência isso é relatório* (DID SSA 231: 450).

- (120) *mas o exame de mestre era muito mais complicado () o de arrais é uma espécie de exame de curso infantil (D2 SSA 98: 1084).*
- (121) *o público assim em geral eu acho que vai ao cinema mesmo (DID SP 234: 469).*
- (122) *basicamente ele está pensando na condução amanhã... no táxi... na gasolina... amanhã (EF SP 388: 324).*
- (123) *“Coisas Nossas” passou praticamente em todas as grandes cidades brasileiras (EF SP 153: 530).*

Os Aproximadores afetam as propriedades intensionais da classe-escopo, apagando algumas e mantendo outras. Em (118), a iteratividade de *ser sempre procurada* ficou comprometida. Em (119), o falante está inseguro sobre se o item *freqüência* representa adequadamente o documento que ele está procurando denominar. Em (120) se diz que o exame de arrais não é precisamente um exame com o que se pode entender por essa palavra. E assim por diante.

Ao comprometer a prototipicidade da classe-escopo, os Aproximadores desempenham na esfera do discurso o importante papel de “controlar” a descodificação da mensagem. Por meio deles, passamos ao nosso interlocutor instruções sobre como ele deve acionar os mecanismos lingüísticos da significação. E como as instruções que eles passam implicam numa ação sobre o interlocutor relativamente ao entendimento desejado do *dictum*, esses AdvS foram denominados “metacomunicativos” por Bartsch (1976) e “pragmáticos” por Bellert (1977). No caso mais particular das conversações, Fraser (1980) mostrou que tais “palavras evasivas” podem contribuir para um abrandamento do que está sendo dito.

Os inqueritos do Projeto NURC/BR elegeram *quase* como o Aproximador mais freqüente. Ele pode ocorrer no interior do SN e do SV duplo, como se vê em:

- (124) *minhas filhas conhecem o Brasil quase todo (D2 REC 5: 947).*
- (125) *sei lá... não tenho quase assistido filmes né ? (DID SP 234: 429).*

Com respeito à sentença, *quase* ocorre na posição inicial, como em (121), ou entre o sujeito e o verbo, como em

- (126) *eu... quase não vou ao cinema (DID SP 234: 4),*

*ou, finalmente, entre o verbo e seu argumento interno, como em*

- (127) *eu estudei mas não me apresentei quase nada (DID SP 234: 296).*

Trata-se de um Adv de constituinte, que pode incidir, para além das classes constantes, também sobre os Circunstanciais:

(128) *a manga do casaco dava quase aqui (D2 POA 291: 860),*

sobre os Numerais:

(129) *homem que tinha... já quase quarenta anos de rádio (DID SP 208: 401),*

e até mesmo sobre outros Aproximadores

(130) *então eu vivo assim quase que praticamente em constante regime (DID RJ 328: 7).*

O Aproximador *quase* promove um mecanismo semântico oposto aos Focalizadores, pois enquanto estes destacam o conteúdo da classe-escopo, os Aproximadores o diluem, esbatendo seus contornos. Os Aproximadores em *-mente* não funcionam como um hiperpredicador da sentença, bloqueando paráfrases como:

(123 a) \* *é prático que "Coisas Nossas" passou em todos os cinemas.*

Uma última observação com respeito a *tipo*. Postulo que há um *tipo 1*, cujo alcance é quantificar a classe-escopo, restringindo-a a determinada classificação, como em (131):

(131) *Rhesus é um tipo de macaco.*

Em (131), o núcleo do SN é *tipo*, ao passo que *de macaco* é seu complementador.

Já em

(132) *entrei no mato e vi um bicho assim... tipo macaco,*

temos um *tipo 2*, que é um Aproximador. Em (132), o último SN tem por núcleo *macaco*, e *tipo* é seu Especificador. Portanto, *tipo 2* se constrói a partir da reanálise de um sintagma em que ocorreu *tipo 1*. Em suma, *tipo 1* age sobre a extensão, e *tipo 2*, sobre a intensão.

## 5. QUALIFICADORES CONFIRMADORES

Os Qualificadores confirmadores desempenham na produção dos significados um papel oposto ao dos Aproximadores.

Enquanto aqueles generalizam o sentido de sua classe-escopo, apresentando-o como não-prototípico, os Confirmadores especificam o

sentido, selecionando todas as propriedades intensionais da classe sobre que se aplicam. Em conseqüência, os Confirmadores são operadores de protipicidade.

Sejam os seguintes exemplos:

- (133) *me convidou para esse negócio... comendo uma comida tipicamente indiana... mas que foi adotada na China (D2 POA 291: 244).*
- (134) *nós aqui ficamos mais autenticamente brasileiros (D2 REC 5: 1238).*
- (135) *são derivados de conceitos... que... radicam vamos dizer que... saem... se não se se não são totalmente determinados são em grande parte determinados... por... hábitos lingüísticos (EF SP 124: 122).*
- (136) *rigorosamente seria provavelmente um negócio desse jeito aqui... certo? (EF SP 338: 191).*
- (137) *minhas viagens de avião eram mesmo por negócio... estritamente (D2 SP 255: 88).*
- (138) *ele simplesmente nunca viu aquilo... certo? (EF SP 377: 40).*
- (139) *quer dizer... cenário é puramente secundário... o principal é a interpretação... é o valor do artista (DID SP 161: 605)*
- (140) *se [a firma] não puder fazer isso ela vai à falência... pura e simplesmente (DID SP 250: 341)*
- (141) *a professora ela... no fundo ela é uma orientadora... (D2 SP 360).*
- (142) *não vai se guiar a rigor... só acompanha-se a moda (D2 SP 291: 311).*

Alguns desses Advs são claramente quase-argumentais: (134), (135), (137) e (138), o que traz mais uma evidência para o fato da poli-funcionalidade dos Advs. Os demais não têm as mesmas propriedades dos quase-argumentais. Tomados em seu conjunto, provocam um efeito de sentido confirmador tão evidente, que achei melhor dispô-los numa classe semântica própria.

A “vocalização sintática” dos Confirmadores é maiormente pré-nominal, adcrindo em geral a um Adj. Certos itens, como *totalmente*, mostram uma mobilidade maior, funcionando também entre o V e seu argumento interno:

- (143) *[o teatro] atingia totalmente as massas... em Roma... na Grécia (DID SP 161: 601).*

Essa mobilidade maior talvez se explique pela dupla incidência desse Adv: tomando por sujeito o V, como um predicador qualificador de segunda ordem, ele confirma as propriedades de *atingir*; tomando por sujeito o N *massas*, como um quantificador de primeira ordem, ele seleciona todos os sujeitos contidos no conjunto *massas*.

Outros confirmadores, como (136), (137) e (140) são hiperpredicadores, e qualificam toda a proposição. Também estes Advs merecem uma análise monográfica, para que se possa identificar sua potencialidade de gerar significados.

## CONCLUSÕES

As observações acima mostram que há muito ainda que pesquisar se queremos nos dar conta da complexa classe dos Advs. Focalizar a atenção em suas propriedades predicativas se revelou produtivo.

Modalizadores, Qualificadores e Quantificadores constituem as grandes classes dos Advs. Predicativos. Os dados do Projeto NURC mostram uma alta preferência pelos Qualificadores (52% das ocorrências, contra 28% de Modalizadores e 20% de Quantificadores). Esses resultados mostram a proximidade entre Advs e Adjs.

O comportamento sintático de Qualificadores e Quantificadores os aproxima fortemente: são em sua maioria quase absoluta Advs. de constituinte, gravitam adjacentes à classe-escopo, situando-se em geral antes do grupo nominal e após o grupo verbal. Apenas os Confirmadores podem funcionar como Advs. de sentença, o que os põe a meio caminho dos Modalizadores, também por esse traço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS \*

- ALARCOS LLORACH, E. (1968/1970). *Estudios de gramática funcional del español*. Madrid: Gredos.
- ARNAULD E LANCELOT (1671/1969). *Grammaire générale et raisonnée*. Preface de Michel Foucault, nouvelle édition. Paris:Republications Paulet.
- BARBOSA, J. S. (1803/1881). *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, 7a. ed. Lisboa: Tipografia da Real Academia das Ciências.
- BARRENECHEA, A. M. (1969/1982). "Operadores pragmáticos de actitud oracional: los adverbios en *-mente*", in Juan M. Lope Blanch (Org.), *Estudios sobre el Español Hablado*. México: Unam, 1982, pp. 313-332.
- BARROS, J. DE (1536/1971). *Gramática da Língua Portuguesa*, 4a. ed. Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BASÍLIO, M. (1990). "Flutuação categorial de base adjetiva no Português Falado", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 81-98).
- BASÍLIO, M. (1991). "Conversão adjetivo/adverbo em Português: um estudo de classes de palavras", in *Boletim da Abralin* 11:143-152.
- BELLERT, O. (1977). "On semantic and distributional properties of sentential adverbs", in *Linguistic Inquiry* 8 (2): 337-350.
- BEILO, A. (1883). *Gramática de la Lengua Castellana*. Santiago: Universidad de Chile.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. - DEULOFEU, J. - STEFANINI, J. ET VAN DEN EYNDE, K. (1984). *Pronom et syntaxe. L'approche pronominale et son application à la langue française*. Paris: Selaf.
- CASTELEIRO, J. M. (1982). "Análise gramatical dos advérbios de frase", in *Biblos* 58: 99-110.
- CASTILHO, A. T. DE (1968). *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [coleção de Teses].
- CASTILHO, A. T. DE (1981). "O Projeto NURC e a sintaxe do verbo", in *Estudos de Filologia e Linguística. Homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T.A.Q./Edusp, pp. 269-288.

(\*) A primeira data se refere à redação do documento, (sempre que foi possível identificá-la, ou à sua primeira edição. A segunda data corresponde à edição efetivamente utilizada neste trabalho.

- CASTILHO, A. T. DE (1984 b). "Ainda o aspecto verbal", in *Estudos Portugueses e Africanos* 4: 9-36.
- CASTILHO, A. T. DE (1990). "O português culto falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil", in D. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990, pp. 141-202).
- CASTILHO, A. T. DE (Org. 1990). *Gramática do Português Falado*, vol. I, A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp; 2a. ed., 1991.
- CASTILHO, A. T. DE E MORAES DE CASTILHO, C. M. (1992). "Advérbios Modalizadores", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 213-260).
- CASTILHO, A. T. DE (Org. 1993). *Gramática do Português Falado*, vol. III. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.
- CASTILHO, A. T. DE (1993). *A Predicação Adverbial no Português Falado*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de livre-docência.
- CASTILHO, A. T. DE (1994). "Um ponto de vista funcional sobre a predicação", in *Alfa* 38: 75-96.
- CASTILHO, A. T. DE (1998). "Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada", in Mario Bernales y Constantino Contreras (Orgs.) *Por los Caminos del Lenguaje*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, pp. 23-37.
- CHAE, W. (1970). *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: The Chicago University Press.
- COLL, P. (Ed. 1981). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: CUP.
- CUNHA, C. E CINTRA, L. F. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DANJOU-FLAUX, N. & GARY-PRIEUR, M. N. (Orgs. 1982). *Adverbes en -ment, manière, discours*. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- DIEZ, F. (1876). *Grammaire des langues romanes*, 3ème. éd., trad. française. Paris: F. Vieweg Libraire-Éditeur.
- ENKVIST, N. (1982). "Notes on valency, semantic scope and thematic perspective as parameters of adverbial placement in English", in N. Enkvist and V. Kohonen (Eds. 1982, pp. 51-74).
- FRANCHI, C. (1976). *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas: Unicamp, Tese de Doutorado, inédito.
- GAREY, H. B. (1957). "Verbal aspect in French", in *Language* 33: 91-110.
- GARY-PRIEUR, M. N. (1982). "Adverbes de manière: que signifie cette étiquette?", in Danjou-Flaux & Gary-Prieur (Orgs. 1982, pp.13-24.)
- HOPPER, P. J. (1979). "Aspect and foregrounding in discourse", in *Syntax and Semantics* 12: 213-241.
- HOPPER, P. J. (Ed. 1982). *Tense-Aspect: between Semantics & Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- ILARI, R. *et alii* (1989). "Considerações sobre a posição dos advérbios", in A.T. de Castilho (Org. 1990, pp. 63-142).
- ILARI, R. (1992 a). "Sobre os advérbios focalizadores", in Rodolfo Ilari (Org. 1992, pp. 151-192).
- ILARI, R. (1992 b). "Sobre os advérbios aspectuais", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 193-212).
- ILARI, R. (Org. 1992). *Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp.
- ILARI, R. (1992). "Propriedades extensionais e intensionais dos adjetivos". Com. apresentada ao VI Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado.
- KATO, M. E CASTILHO, A. T. (1991). "Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador?" in *D.E.L.T.A.* 7 (1): 409-424.

- KATO, M.(Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp.
- KLUM, A. (1961). *Verbe et adverbe*. Stockholm: Almqvist & Wiksell.
- KOCH, I.G.V. (1984). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora.
- KOVACCI, O. (1972/1986). "Modificadores de modalidad", in *Romanica* 2: 177-190, republicado em *Estudios de Gramática Española*. Buenos Aires: Hachette, pp. 89-102.
- LAKOFF, G. (1975). "Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts", in *Papers from the Eighth Regional Meeting*. Chicago: Chicago Linguistic Society, pp. 183-227.
- LAKOFF, G. (1982). "Categories: an essay in Cognitive Linguistics", in *Linguistics in the Morning Calm. Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin Publishing Co., pp. 139-209.
- LAVANDERA, B. (1984). "Tensión entre el personal y el impersonal en la organización del discurso", in *Variación y Significado*. Buenos Aires: Hachette, pp. 101-124..
- LOBATO, L. M. P. (1989). "Advérbios e preposições, sintagmas advérbiais e sintagmas preposicionais", in *D.E.L.T.A.* 5 (1), 101-120.
- LUIT, C. P. (1976). *Moderna Gramática Portuguesa*. Porto Alegre: Editora Globo.
- MATOS, F.G. DE (1982). "A descrição e o uso de intensificadores no ensino de Português", a sair em *Hispania*.
- MIRA MATEUS, M.H. *et alii* (1983/1989). *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho.
- MOLINER, C. (1982). "Les adverbes de fréquence en français", in Danjou-Flaux & Gray-Prieur (Orgs. 1982, pp.91-104).
- MORAES DE CASTILHO, C.M. (1991). *Os Delimitadores no Português Falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, Dissertação de Mestrado.
- NEBRJA, A. DE (1492/1980). *Gramática de la Lengua Castellana*. Edición preparada por Antonio Quilis. Madrid: Editora Nacional.
- NEVES, M. H. M. (1992). "Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 261-296).
- NOLKE, H. (1983). *Les adverbes paradigmatisants: fonction et analyse*. Copenhague: Études Romanes de l'Université de Copenhague.
- OLIVEIRA, F. D'. (1536/1954). A "*Grammatica*" de *Fernão D'Oliveira*". Texto reproduzido da 1ª. ed. por Olmar Guterres da Silveira.Rio de Janeiro: s/editora.
- OLIVEIRA, G. J. (1993). "Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos", in *Letras* 5: 101-121.
- OLIVEIRA, M. A. (1992). "Algumas notas sobre a colocação dos advérbios qualitativos no Português Falado", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 297-304).
- PEREIRA, E. C. (1933). *Grammatica Histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PINTO, M. J. (1977). *Análise Semântica de Línguas Naturais: caminhos e obstáculos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- POSSENTI, S. (1992). "Ordem e interpretação de alguns advérbios do português", in R. Ilari (Org. 1992, pp. 305-314).
- PRETI, D. - URBANO, H. (1990). *A Língua Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV, Estudos. São Paulo: TAQ/Fapesp.
- Prince, E. (1981). "Toward a taxonomy of given-new information", in P. Cole (Ed. 1981, pp. 223-256).
- QUIRK, E. - GREENBAUM, S. - SVARTVIK, J. AND LEECH, G. (1972). *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman.
- QUIRK, R. - GREENBAUM, S. - SVARTVIK, J. AND LEECH, G. (1985). *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.